



## APRESENTAÇÃO / *PRESENTATION*

---

Este é o vol. 3, nº 5, da Revista Basilíade, que abrange o período janeiro-junho de 2021 e cujo dossiê se intitula: Santo Agostinho e a Filosofia. Como o próprio leitor poderá constatar, sob esta temática geral se encontram desenvolvidas, exploradas e examinadas as mais variadas questões que suscitaram os escritos do teólogo africano. Com efeito, os especialistas que compõem o grupo seletivo de autores do presente dossiê sabem, enquanto estudiosos da filosofia em geral e do pensamento de Agostinho em particular, que nos seus escritos convergem a tradição neoplatônica, as Escrituras, a literatura latina, o direito romano e a sua formação de retor e músico. Eles sabem também que o pensamento agostiniano forma, por assim dizer, uma charneira entre a Antiguidade Tardia e a filosofia ou, mais exatamente, as filosofias que se seguirão ao longo da Idade Média. Certo, dependendo da datação que se aplique ao fim da Idade Antiga e ao início da Idade Média, pode-se afirmar que, historicamente, Agostinho ainda se move na Idade Antiga ou, mais precisamente, na Idade Antiga Tardia. Todavia, considerando-se o impacto e a influência que a sua produção filosófico-teológica exercerá sobre a Idade Média, marcando-a – para nos servirmos de uma metáfora de E. Cassirer – como um “fio vermelho” –, é lícito afirmar que Agostinho é também, ou talvez principalmente, um pensador medieval. Na verdade, ele está situado *entre* o fim da Idade Antiga e o início da Idade Média, donde o título da obra clássica de Henri-Irénée Marrou: *Santo Agostinho e o fim da cultura antiga*.

Levando, pois, em consideração a abrangência e o caráter multifacetado da produção agostiniana, os autores que contribuíram para este dossiê abordaram e aprofundaram os temas que a seguir descreveremos:

Bento Silva Santos abre a série de artigos com o estudo intitulado: *Cristianismo e neoplatonismo em Agostinho: A propósito de uma sentença do Contra Academicos (III,19,42): “una verissimae philosophiae disciplina”*. Como o subtítulo já o indica, o autor examina a questão das relações entre o cristianismo e a *philosophia* em uma passagem do *Contra Academicos*. Para ele, a referência a Platão e ao “platonismo” ao longo dos primeiros escritos agostinianos exige algumas reflexões de esclarecimento

quanto ao influxo recíproco de “platonismo” e cristianismo na conversão do retor em 386. Destarte, convém perguntar-se: o *Augustinus Philosophus*, que compõe uma série de escritos entre 386 e 391, é sensivelmente diverso daquele que é narrado nas *Confissões* e daquele que será o bispo de Hipona em 395?

O segundo artigo, de autoria de Émilien Vilas Boas Reis, se intitula: *O sentido de filosofia no Agostinho de Cassiciaco*. Trata-se de examinar, a partir dos primeiros escritos agostinianos – os chamados “diálogos de Cassiciaco” – o que representa a filosofia para Agostinho, isto é, sua finalidade e sentido após sua conversão ao cristianismo em 386. O texto privilegia a adesão de Agostinho à filosofia a partir da leitura do *Hortensius*, de Cícero, e de como ele reinterpretará a filosofia à luz do cristianismo.

Vem em seguida o estudo de João Eduardo Pinto Basto Lupi, intitulado: *A cosmologia de Agostinho de Hipona*. O autor argumenta que Agostinho é quase sempre estudado como o “homem teológico” que em tudo via a presença e a ação divinas. No entanto, ele também considerava o mundo físico à sua volta e tinha especial predileção pelos cálculos numéricos e pela questão da natureza do tempo. Assim, por trás desse modo de observar, há uma concepção de universo que é ao mesmo tempo teológica, antropológica, e concreta, pois o cosmo, sendo um sinal do Criador, ostenta ordem e beleza.

O quarto artigo se intitula: *Agostinho de Hipona: Considerações neoplatônicas*. Seu autor, Cícero Cunha Bezerra, retoma o tema da dívida agostiniana *vis-à-vis* do neoplatonismo. Trata-se da problemática da relação entre unidade e multiplicidade, bem como da questão do mal em sua conexão com a existência do Princípio do Bem. O autor examina também o pensamento agostiniano à luz da cosmologia neoplatônica e, em particular, na perspectiva de Plotino. Ele toma como ponto central a noção de liberdade absoluta que define o Uno plotiniano em seu processo de desdobramento (*próodos*) em níveis hipostáticos como princípio fundante de todo real (múltiplo) sem, no entanto, reduzir-se a nenhuma realidade específica.

O quinto artigo é de autoria de Lúcio Souza Lobo e de João Pedro da Luz Neto, cuja análise tem como foco uma questão particular das *Confissões*, qual seja: *Sobre a fragilidade da existência humana nas Confissões, XI*. Questionando a respeito dos motivos que levaram Agostinho a tratar do tempo, conceito frequentemente associado à metafísica e à cosmologia, os autores levantam a hipótese de que a problemática do tempo pertence ao projeto unitário das *Confissões*, cujas chaves de leitura seriam 1) a finalidade da vida humana e 2) a distinção entre Deus e as criaturas.

O sexto artigo trata também de uma questão particular em Agostinho. Tem como autor Maurizio Filippo di Silva e como título: *O mal e as disciplinas liberais no De ordine*. O seu objetivo principal é o de percorrer as análises do *De Ordine* para esclarecer por que, para Agostinho, o estudo das disciplinas liberais é necessário para reconhecer que Deus governa o mundo. Segundo o autor, ao esboçar a reflexão agostiniana sobre a natureza e as funções das disciplinas liberais, torna-se possível elucidar por que o estudo delas é necessário para poder enxergar que nada está fora da ordem.

O autor do sétimo artigo é Matheus Jeske Vahl e o seu estudo se intitula: *Responsabilidade moral e os princípios da ação em Santo Agostinho*. Para o autor, o problema da responsabilidade moral requer uma explicação da origem e do sentido do mal que eventualmente delas redundam. No pensamento tardo antigo isto é feito no horizonte de uma filosofia da mente. Em Agostinho, este tema é compreendido a partir do entendimento de uma faculdade anímica que garante ao homem a máxima liberdade, a saber, a vontade, cujo efeito da ação é compreendido em referência a um polo de máxima transcendência, isto é, Deus.

O oitavo artigo tem como autor Pedro Calixto Ferreira Filho e se intitula: *Creatio numerorum, rerum est creatio: La reprise de l'hénologie plotinienne dans la pensée augustiniennne de la création*. Na tradição neoplatônica, o autor tenciona mostrar que o ser, entendido como expressão da Palavra divina, tem a mesma estrutura relacional do signo. Nesta perspectiva, a metáfora, que se exprime ao pensar o mundo na sua totalidade como um livro, manifestação do *Verbum Dei*, cuja própria essência é ser um signo, consiste em apontar para o absolutamente Outro, pois somos incapazes de pensá-lo em sua quiddidade.

O nono artigo, de autoria de Jorge Luís Gutiérrez, tem como título: *O Protréptico de Aristóteles, o Hortênsio de Cícero e a referência de Santo Agostinho às Ilhas dos Bem-aventurados no livro De Trinitate*. Para o autor, Agostinho entende a vida eterna como a vida junto a Deus, plenamente feliz. A este propósito, ele cita o texto do *Hortênsio* no qual se fala da Ilha dos Bem-Aventurados. Mas, conclui o autor, o que Agostinho não sabia é que a citação do *Hortênsio* era, de fato, uma citação do *Protréptico* de Aristóteles.

O décimo artigo se intitula: *Da vox ao verbum in corde: Notas sobre a linguagem mental no sermão 288 de Agostinho de Hipona*. O autor, Diego Frago Pereira, tem como objetivo analisar o *Sermão 288*, de Agostinho de Hipona, dele extraindo algumas notas características do chamado *uerbum in corde* ou *uerbum cordis*, que constitui parte da linguagem mental. Em Agostinho, declara o autor, o *uerbum in corde* ou *uerbum cordis*

possui a propriedade de significar, de ser concebido no coração, de ser conservado na memória, de viver no entendimento e, portanto, de não pertencer a nenhuma língua.

O undécimo e último artigo do dossiê, cujos autores são Jefferson da Silva e Marcius Tadeu Maciel Nahur, se intitula: *O problema do mal: Uma aproximação entre Agostinho e Paul Ricoeur*. Para os autores, Agostinho responderá ao problema do mal baseado nas Sagradas Escrituras, enquanto que Ricoeur, sem a pretensão de a uma resposta para a origem do mal, convida seu leitor para seguir o caminho da reflexão, da prática e da espiritualização.

Rematam o dossiê duas resenhas. A primeira, redigida por José Marciano Monteiro, analisa a obra: PACHECO, C. S. et. al. (Orgs). *América Latina hoje: Rupturas e continuidades*. Curitiba: Instituto Memória. Centro de Estudos da Contemporaneidade, 2020. A segunda resenha, cujos responsáveis são: Artur José Renda Vitorino e Ana Carolina Godoy Tercioti, examina o livro: GALLO, Silvio; MENDONÇA, Samuel. (org.). *A escola: uma questão pública*. São Paulo: Parábola, 2020.

Desejamos a todas e a todos uma agradável e profícua leitura.

**Rogério Miranda de Almeida**  
**Editor Adjunto**  
**Organizador do presente dossiê**